

# Resgate na **NEVE**

Quem seria o homem inconsciente caído na neve? E quanto tempo mais ele conseguiria sobreviver?

POR JOHN DYSON



O GUARDA JOHN EVANS ouviu gritos e divisou dois homens correndo em direção ao posto, situado aos 5.240 metros de altitude. Subindo a encosta para encontrá-los, ouviu os homens arfantes contar a história.

Pelo rádio, Evans chamou Gordon Kito, no posto dos 4.330 metros. “Precisamos de socorro aéreo”, pediu. Mas, enquanto falava, avistou a nuvem maciça que envolvia a montanha aos 4.570 metros de altitude.

Por motivos de segurança, helicópteros pequenos não podem voar acima de camadas de nuvem: eles não dispõem dos instrumentos necessários para atravessá-las. Evans começou a formar uma equipe de resgate com os dois montanhistas alemães.

**O**S SEIS HOMENS que puxavam o trenó improvisado eram fortes e tinham boa forma física. A essa altitude, porém, o pulmão absorve menos da metade do oxigênio que absorve ao nível do mar. A cada 20 ou 30 passos, eles paravam e se curvavam, com a cabeça girando e o corpo pedindo ar.

Enquanto recuperavam o fôlego, também verificavam os sinais vitais do rapaz. Entretanto, com o trenó sacolejando sobre a neve, Lämmle sabia que o sangue frio do rapaz deveria estar se misturando ao quente. Se tivesse de morrer, seria agora.

“George” começou a gemer:

– Minhas pernas, minhas pernas...

– Continuem – ordenaram Miller e Scharinger à equipe. – Membros congelados têm remédio, mas falta de oxigênio no cérebro é fatal.

As geladuras também vinham preocupando Miguel Torrecillas Méndez, o espanhol de 27 anos. Um de seus pés estava dormente, mas ele sabia que parar e massageá-lo retardaria o grupo. *E se esse homem fosse eu?*, pensava. E continuou puxando.

A travessia ficou mais difícil quando alcançaram um trecho do Campo de Futebol em aclave. Virando o trenó para manter a cabeça do rapaz voltada para cima, os alpinistas fincavam o cravo das botas na neve e puxavam as cordas. Arfantes como maratonistas, subiam com dificuldade.

A descida foi ainda pior. Dois homens, às vezes quatro, ficavam atrás do trenó para servir de freio. Quando parecia que o trenó deslizaria pela encosta, eles firmavam os cravos e sustentavam as cordas. “Segurem, segurem!”, gritavam.

Quando a tarde começou a cair, já haviam arrastado o trenó mais de um quilômetro na horizontal e descido cerca de 300 metros. Adiante, o declive se mostrava ainda mais íngreme e, alguns metros à esquerda, a encosta era tão escarpada que era perigoso demais prosseguir. Decidiram parar.

Puxaram o trenó para perto de uma grande rocha negra. Ela irradiava o calor do sol e o saco agia como uma estufa, de modo que “George” logo ficou aquecido.

Sem saber que o mau tempo abaixo impedia a decolagem do helicóp-



A equipe de resgate agasalhou o homem misterioso, enquanto esperava o helicóptero.

tero, os montanhistas estavam desolados. “Nos Alpes, o helicóptero teria chegado há uma hora”, reclamou Lämmle. Outros dois alpinistas desceram para falar com os guardas. “Avisem que o caso é sério!”

Nesse instante, três alpinistas americanos encontraram a equipe de resgate. Tinham um radiotransmissor, que emprestaram a Lämmle.

– Preste atenção! – disse ele, furioso. – Se o helicóptero não vier agora, este homem vai morrer!

Gordon Kito explicou o problema do mau tempo.

– Desligue o rádio para economizar a bateria – aconselhou. – Tente novamente daqui a meia hora.

Com bebidas aquecidas e sacos de água quente, o rapaz estirado no trenó se mostrava mais alerta.

– Oi, George, como está se sentindo? – perguntou um dos americanos, Terry Parker.

– Meu nome é Joshua Wax – respondeu o rapaz, num murmúrio.

Aos poucos, contou sua história. Aos 26 anos, o ex-fuzileiro naval acabara de se formar em arqueologia. A escalada era um presente que dera a si mesmo. Havia alcançado o pico às 16 horas do dia anterior. O edema cerebral acometeu-o no caminho de volta. Lämmle ficou perplexo. Wax passara 16 horas caído na neve.

Ele falou dos pais, sussurrando:

– Espero vê-los de novo.

– Não se preocupe, Joshua – disse um dos americanos, para encorajá-lo. – Você está sendo salvo.

– Que cheiro é esse? – perguntou alguém, sentindo um cheiro forte de maçãs se deteriorando.

– Significa que temos de correr – respondeu Egfried Miller.

O cheiro era causado pela acidose, sinal de que o organismo de Wax estava cedendo.

ÀS 17H30, UMA HORA depois de Evans e seis voluntários deixarem o posto, o avião que vinha circulando a montanha anunciou uma brecha na cobertura de nuvens. A 40 quilômetros dali, o piloto de helicóptero Jim Hood decolou rapidamente de sua base, perto da cidade de Talkeetna.

Ele sabia que não tinha muito tempo. Embora os alpinistas que subiam o Denali em geral precisassem de vários dias para se adaptar à altitude, Hood atingiria o cume em poucos minutos. Se ficasse preso lá em cima por causa do tempo ou de algum problema mecânico, a provisão limitada de oxigênio acabaria. Ele perderia a consciência em menos de uma hora.

QUANDO O EFEITO da injeção de dexametasona passou, Wax começou a entrar em choque; sua respiração era tão superficial e seu pulso tão fraco que era difícil detectá-los. Lämmle ligou o rádio. “A situação é desesperadora”, disse. “Onde está o helicóptero?”

Instantes depois, ouviram o barulho de um motor. “O piloto vai fazer

uma única tentativa, porque o tempo está se fechando atrás dele”, explicou o guarda, pelo rádio. “Se vocês não conseguirem prender o rapaz na corda, não vai ter jeito.”

Enquanto Wax era arrastado para fora do saco e preso a uma cadeirinha de alpinista, o minúsculo helicóptero apareceu, deu duas voltas e pairou. A corda de 30 metros roçou a neve aos pés da equipe de resgate. Sem perder tempo, Miller e seu parceiro de escalada, Franz Deubler, amarraram Wax e fizeram sinal para o piloto.

Lançando ao máximo a força de sustentação com as pás do rotor cortando violentamente o ar rarefeito, Hood levou Wax para fora da montanha, até a pista de pouso situada na geleira 15 metros abaixo.

EMBORA TENHA PERDIDO parte de dois dedos por causa da geladura, Joshua Wax se recuperou rápido e está estudando para ser paramédico. Em abril do ano passado voltou a Denali e visitou a equipe do hospital e o piloto do helicóptero que ajudaram a salvá-lo.

## PEQUENOS ENGANOS



Comprei um CD das *Quatro estações* de Vivaldi para presentear meu irmão e minha cunhada, que haviam se maravilhado com a composição num concerto. Mas quis incluir as letras, então pedi ao escritório da sinfônica que enviasse as *Quatro estações* escritas para mim.

Fiquei surpresa quando recebi a resposta: “Primavera, verão, outono, inverno.”

MARTHA KROEKER, Canadá